

Maria Firmina dos Reis e sua escrita antiescravista

Régia Agostinho da Silva¹

RESUMO

O presente artigo discute o romance *Úrsula*, da maranhense Maria Firmina dos Reis, e busca compreender como a escritora construiu um discurso antiescravista em seu texto, usando de argumento romântico, humanista e cristão, capaz de despertar a atenção para os seus possíveis leitores sobre a indignidade e a injustiça que era o regime escravocrata, pelo menos sob o seu ponto de vista. Buscamos também compreender a imagem sobre a África que Maria Firmina dos Reis construiu: uma África idealizada como o lugar da verdadeira liberdade em oposição ao Brasil escravista.

Palavras-chaves: Maria Firmina. *Úrsula*. Escravidão. África.

1 INTRODUÇÃO

As representações sobre escravidão no romance *Úrsula*, da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis, é o tema deste artigo. Procuramos compreender como a escritora, ao longo da segunda metade do século XIX, representou os cativos de seu tempo, e como, através deles, construiu uma fala dissonante em relação à escravidão no século XIX.

Entendemos como representações aquilo que Roger Chartier coloca em seu livro *A História Cultural*:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a de legitimar um projeto reformado ou a de justificar para os próprios indivíduos as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social – como julgou durante muito tempo uma história de vistas demasiado curtas –, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais. (CHARTIER, 1990, p. 59).

Assim, ao pensarmos as formas como Maria Firmina dos Reis representou os cativos em seus escritos, podemos perceber como ela lutou contra discursos considerados dominantes, em relação à escravidão da época.

A escravidão foi tema de diversos literatos do período, mas o que demonstramos aqui é que Maria Firmina dos Reis teve um olhar diferenciado para isso, não apenas pelo fato de ser mulher, mas

¹ Professora adjunta do Departamento de História da UFMA

pela forma como abordou essas temáticas², visto que já podemos encontrar em seus textos, tanto em *Úrsula*, de 1859, quanto em *A Escrava*, de 1887, um olhar diferenciado para o tema. Aqui especificamente abordaremos o romance *Úrsula*.

2 A ESCRITORA

Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luís, em 11 de outubro de 1825. Filha de João Pedro Esteves e Leonor Felipe dos Reis, a menina mudou-se aos cinco anos de idade para a vila de Guimarães, próxima a São Luís. (MORAIS FILHO, 1975, sem paginação).

Recontar a história da escritora e reler seus textos não é apenas falar da história de uma mulher negra que escreveu no século XIX, mas também tentar entender seus textos, como e para quem ela escreveu e quais seriam os objetivos.

Nossa intenção é justamente, por meio dos escritos deixados por Maria Firmina dos Reis, tentar compreender como essa escritora percebia o mundo que a cercava; como, através da literatura, ela tentou interferir nesse mundo, usando, como bem pensou Nicolau Sevcenko, “a Literatura como missão”. (SEVCENKO, 2003, p. 7).

Fazer isso é também adentrar na discussão da história das mulheres no Oitocentos no Brasil. E mais especificamente das mulheres escritoras. O mundo feminino, no século XIX, muitas vezes, foi lido e narrado pela pena masculina, já que o acesso à educação e à escrita pública para as mulheres nesse período era bastante limitado (SAFFIOTI, 1979, p. 45). Dessa forma, a intenção aqui é discutir as ideias de uma mulher escritora na segunda metade do século XIX, especificamente no que diz respeito ao seu texto dedicado à temática da escravidão, presente no romance *Úrsula*.

O que nos interessa na narrativa de Maria Firmina dos Reis é como ela se coloca através de seus narradores, com um discurso antiescravista e como usa um caminho sinuoso dentro do romance *Úrsula* para tratar disso. Existe uma urdidura do romance que, acreditamos, foi escrito dessa forma justamente para que o discurso antiescravista pudesse passar pela narrativa romântica, não de forma despercebida, porém escamoteado para o leitor “semidesperto”, para usar um termo de Mário Quintana (QUINTANA, 1989, p. 30).

O romance se divide em vinte capítulos e um epílogo, dos quais três capítulos contemplam a fala de personagens cativos. Inicia-se com duas almas generosas que a escritora coloca em pé de igualdade: o jovem Tancredo e o escravo Túlio, que por sinal salva a vida do mancebo. No próprio título do capítulo, percebemos claramente a intenção da autora em romper as barreiras que separavam dois mundos tão desiguais, os de senhores e dos cativos.

² A escravidão na literatura brasileira foi abordada principalmente sob a ótica dos brancos. Caso exemplar disso é o romance *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, na qual a personagem principal é uma escrava branca que sofre os agouros de, mesmo sendo branca, por uma infelicidade do destino nasceu cativa. Os demais personagens escravos negros aparecem no romance de forma submissa e às vezes até como malfeitores, que é o caso da escrava negra Rosa que, por ter muita inveja de Isaura, acaba prejudicando-a de todas as formas. Assim, o escravo negro ser abordado de forma positiva na literatura brasileira e com dignidade é caso *sui generis* da escrita de Maria Firmina dos Reis. Sobre análise do romance *A Escrava Isaura* em comparação com *Úrsula* ver: (CARVALHO, 2006, p. 53-69).

Aqui optamos por apresentar e acompanhar os personagens cativos que aparecem no romance, para que, a partir disso, possamos traçar um painel de como Maria Firmina dos Reis construiu o seu romance antiescravista. Vamos aos personagens.

3 O ESCRAVO TÚLIO

Na narrativa, o personagem Túlio aparece no capítulo *Duas almas generosas*:

Nesse comenos alguém despontou longe, e como se fora um ponto negro no extremo horizonte. Esse alguém, que pouco e pouco avultava, era um homem, e mais tarde suas formas já melhor se distinguiam. Trazia ele num quer que era que de longe mal se conhecia, e que descansando sobre um dos ombros, obrigava-o a reclinar a cabeça para o lado oposto. Toda-via essa carga era bastantemente leve- um cântaro ou uma bilha; o homem ia sem dúvida em demanda de alguma fonte. (REIS, 2004, p. 21).

A autora, ao descrever a primeira aparição de Túlio, já o coloca a exercer trabalho braçal, que era uma atribuição de cativos ou homens pobres livres. Vejamos o que segue adiante:

O homem que assim falava era um pobre rapaz, que ao muito parecia contar vinte e cinco anos, e que na franca expressão de sua fisionomia deixava adivinhar toda a nobreza de um coração bem formado. O sangue africano refervia-lhe nas veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão; e em balde o sangue ardente que herdara de seus, pais, e que o nosso clima e a servidão não puderam resfriar, em balde- dissemos – se revoltava; porque se lhe erguia como barreira- o poder do forte contra o fraco! (REIS, 2004, p. 22).

Túlio é assim apresentado, um escravo de pouco mais ou menos 25 anos, que herdara do sangue africano e na sua “franca fisionomia” a nobreza de um coração bem formado. Túlio era um escravo digno e que, no romance, salvara a vida de Tancredo, o jovem mancebo, que será o noivo de Úrsula.

Nessas passagens, a autora se colocará francamente contra a escravidão e tecerá um discurso fortemente antiescravista nos trechos que seguem:

Ele entanto resignava-se; e se uma lágrima a desesperação lhe arrancava, escondia-a no fundo da sua miséria.
Assim é que o triste escravo arrasta a vida de desgostos e de martírios, sem esperança e sem gozos!
Oh! Esperança! Só a têm os desgraçados no refúgio que a todos oferece a sepultura!....Gozos!...só na eternidade os anteveem eles!
Coitado do escravo! Nem o direito de arrancar do imo peito um queixume de amargurada dor!!...
Senhor Deus! Quando calará no peito do homem a tua sublime máxima- ama a teu próximo como a ti mesmo- e deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante!...a aquele que também era livre no seu país...aquele que é seu irmão?!
E o mísero sofria; porque era escravo, e a escravidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos, e puros como a sua alma. Era infeliz; mas era virtuoso; e por isso seu coração enterneceu-se em presença da dolorosa cena, que se lhe ofereceu à vista. (REIS, 2004, p. 22-23).

A passagem é forte e está claro que Maria Firmina, ao adotar o discurso humanitário de pedir um pouco de humanidade e amor ao semelhante, coloca o escravo em pé de igualdade com os homens brancos. Afinal, são “duas almas generosas”: o escravo Túlio e o jovem branco e rico Tancredo. Para a

autora, o que os separava não seria a nobreza de coração, nem a humanidade, mas “a odiosa cadeia da escravidão” que, ao contrário do que pensavam alguns, não embrutecera o coração do escravo Túlio. O mesmo poderia ser uma vítima da escravidão, porém nunca um algoz de brancos, por isso, seu coração permanecia nobre. Um coração que nascera livre e que herdara da mãe África a nobreza de sentimentos.

Como já ressaltamos aqui, a África de Maria Firmina dos Reis, embora idealizada, era uma África que continha liberdade; era uma África mãe, que vira roubados seus filhos para a escravidão no novo mundo.³

Túlio, no entanto, apesar de altivo e virtuoso, também é um escravo resignado: “Entretanto, o pobre negro, fiel ao humilde hábito de escravo, com os braços cruzados sobre o peito, descaía agora a vista para a terra, aguardando, tímido, uma nova interrogação”. (REIS, 2004, p. 30).

Tanto é assim que Tancredo, ao lhe perguntar como poderia recompensá-lo por ter sido salvo da queda do cavalo, obtém como resposta de Túlio:

– Ah! Meu senhor – exclamou o escravo enternecido – como sois bom! Continuai, eu vô-lo suplico, em nome do serviço que vos presto, e a que tanta importância quereis dar, continuai, pelo céu, a ser generoso, e compassivo para com todo aquele que, como eu, tiver a desventura de ser vil e miserável escravo! Costumados como estamos ao rigoroso desprezo dos brancos, quanto nos será doce vos encontrarmos no meio das nossas dores! Se todos eles, meu senhor, se assemelhassem a vós, por certo mais suave nos seria a escravidão. (REIS, 2004, p. 29).

Fica claro que o discurso em *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis era antiescravista e não abolicionista, não pregava ela o fim imediato da escravidão, visto que também temos que lembrar que *Úrsula* é publicado em 1859 e, ao contrário do que prega a maioria dos seus críticos,⁴ considerando o romance como abolicionista, como historiadores podemos inferir que seu discurso é sim antiescravista, contrário à escravidão, mas não pregava o seu fim imediato.⁵

3 A construção da África como espaço de liberdade, o avesso do Novo Mundo, obviamente era uma construção idealizada de Maria Firmina dos Reis. Como apontam alguns estudos sobre África mais recentes, existia escravidão na África no século XIX, e o tráfico atlântico só foi possível porque encontrou em algumas nações africanas a escravidão já existindo. Claro que este tema é bastante controverso. Para Marina de Mello e Souza, “Se consideramos a escravidão como: situação na qual a pessoa não pode transitar livremente nem pode escolher o que vai fazer, tendo, pelo contrário, de fazer o que manda seu senhor; situação na qual o escravo não é visto como membro completo da sociedade em que vive, mas como ser inferior e sem direitos, então a escravidão existiu em muitas sociedades africanas bem antes de os europeus começarem a traficar escravos pelo oceano Atlântico” (SOUZA, 2007, p. 47.) No entanto, a autora também afirma que as sociedades africanas não podem ser consideradas como escravistas: “Regimes escravistas ou escravismo são sistemas econômicos nos quais as áreas mais dinâmicas são movidas pelo trabalho forçado, realizado por escravos. A utilização do trabalho escravo de forma secundária, como acontecia em muitas sociedades africanas da época do tráfico atlântico de escravos, não faz que tal sociedade seja considerada escravista” (SOUZA, 2007, p. 56.). Para nós aqui interessa como Maria Firmina dos Reis pintou a África e como ela estabeleceu uma contraposição entre o mundo que ela conhecia, ou seja, o Maranhão do século XIX e o mundo que ela idealizava e ficcionava, a África. Entre um mundo que ela sabia escravista e para ela, injusto, e um mundo que ela considerava livre ou assim o construía para melhor defender sua tese antiescravista.

4 As críticas feitas ao romance foram, em sua grande maioria, críticas literárias, as quais o classificaram como um livro abolicionista, o que consideramos um equívoco, visto que o movimento abolicionista ainda não existia no país em 1859. Por isso, optamos por tratá-lo como antiescravista. Sobre alguns estudos que abordam o romance como abolicionista ver: (DUARTE, 2004); (MARTIN, 1988); (MORAIS FILHO, 1975); (MUZART, 2000) e (OLIVEIRA, 2007)

5 Defendo essa ideia em meu trabalho de doutoramento ao chamar a atenção para a historicidade da obra de Maria Firmina dos Reis e avaliar que “Para muitos críticos literários, quase todos os textos que versaram contra a escravidão eram abolicionistas. Ao entendermos o texto firminiano como antiescravista e não abolicionista, entendemos que não havia

Ao construir um Túlio resignado, a escritora maranhense também tenta convencer seus leitores de que os cativos, por sua boa índole, mereciam melhor tratamento e, por vezes, a liberdade. É possível que, ao construir um Túlio resignado, Maria Firmina dos Reis tentasse desconstruir a imagem dos escravos negros como preguiçosos e maus, ideia disseminada entre os senhores brancos.⁶ A resignação e a bondade levaram Túlio a conquistar a carta de alforria de Tancredo, que o compra de Luisa B., mãe de Úrsula e lhe dá a liberdade. Tancredo é antiescravista convicto:

– Cala-te, oh! Pelo céu, cala-te, meu pobre Túlio – interrompeu o jovem cavaleiro – dia virá em que os homens reconheçam que são todos irmãos. Túlio, meu amigo, eu avalio a grandeza de dores sem lenitivo, que te borbulha na alma, compreendo tua amargura, e amaldiçoo em teu nome ao primeiro homem que escravizou a seu semelhante. Sim- prosseguiu- tens razão; o branco desdenhou a generosidade do negro, e cuspiu sobre a pureza dos seus sentimentos! Sim, acerbo deve ser o seu sofrer, e eles que o não compreendem!! Mas, Túlio, espera; porque Deus não desdenha aquele que ama ao seu próximo... E eu te auguro um melhor futuro. E te dedicaste por mim! Oh! Quanto me hás penhorado! Se eu te pudera compensar generosamente... Túlio- acrescentou após breve pausa- oh dize, dize, meu amigo, o que de mim exigis; porque toda a recompensa será mesquinha para tamanho serviço. (REIS, 2004, p. 28).

A generosidade de Túlio, o seu bom coração e comportamento, a sua resignação, tudo isso será recompensado por Tancredo. Assim, ao construir esse discurso, acreditava Maria Firmina dos Reis que também poderia convencer seus leitores de que os cativos mereciam a liberdade e que a escravidão era uma coisa “odiosa”. Acreditamos que Maria Firmina dos Reis tenta sensibilizar seus leitores e leitoras, mesmo que brancos, já que os escravos negros não tinham acesso direto à educação, no entanto trabalhamos com a possibilidade da circulação das ideias, até mesmo entre os escravos. Mesmo sem saber ler, eles poderiam ouvir a leitura de outros, talvez jovens leitores, mais sensíveis às ideias humanitárias progressistas e antiescravistas.⁷

Para fortalecer esse discurso antiescravista, Maria Firmina dos Reis também utiliza o personagem Túlio, na medida em que o cativo, mesmo resignado, compreende que a escravidão é uma injustiça, tanto que ele, ao pensar em Tancredo e seu gesto de bondade, raciocina:

– Homem generoso! Único que soubeste compreender a amargura do escravo! ... Tu que não esmagaste com desprezo a quem traz na fronte estampado o ferrete da infâmia! Porque ao africano seu semelhante disse- és meu!- ele curvou a fronte, e humilde, e rastejando qual erva, que se calcou aos pés, o vais seguindo? Porque o que é senhor, o que é livre, tem segura em suas mãos ambas a cadeia, que lhe oprime os pulsos. Cadeia infame e rigorosa, a que chamam: - escravidão?!...E, entretanto este também era livre, livre como o pássaro, como o ar, porque no seu país não se é escravo. Ele escuta a nênia plangente de seu pai, escuta a canção sentida que cai dos lábios de sua mãe, e sente como eles, que é livre; porque a razão lho diz, e a alma o compreende. (REIS, 2004, p. 38).

ainda no Brasil um movimento abolicionista em 1859, e que só a partir da formação de um setor na sociedade brasileira mais liberal, como advogados, juristas, professores e com as condições socioeconômicas favoráveis a outras relações de trabalho que não escravistas é possível pensar um movimento abolicionista no Brasil, já nas décadas de 1870-1880. (...) Os críticos não fizeram diferença entre o romance ser antiescravista ou abolicionista. (SILVA, 2013, p. 91)

6 Sobre as imagens negativas formadas em torno dos escravos negros e sobre o temor dos senhores de que a escravaria pudesse se rebelar ver: (AZEVEDO, 1987)

7 Sobre a possibilidade da circulação de ideias antiescravistas e até abolicionistas entre a população escrava ver: (TOLLEDO, 1994) no qual a autora defende que as ideias abolicionistas, já na década de 1880, chegavam aos escravos na região rural de São Paulo através da circulação dos trens que traziam novas pessoas, jornais, livros e ideias e que através da oralidade acabavam chegando aos cativos. Acreditamos que o argumento possa se estender na dimensão da literatura e da leitura da obra de Maria Firmina dos Reis.

Pelas palavras de Túlio, mais uma vez compreendemos que, para Maria Firmina, a África, lugar de origem dos escravos, era terra da liberdade, onde todos nasceram livres e iguais e que foi o homem branco que instituiu as diferenças entre semelhantes. Segundo Lilian Moritz:

[...] o contexto intelectual do século XVIII, novas perspectivas se destacam. De um lado, a visão humanista herdeira da Revolução Francesa, que naturalizava a igualdade humana; de outro, uma reflexão, ainda tímida, sobre as diferenças básicas existentes entre os homens. A partir do século XIX, será a segunda postura a mais influente, estabelecendo-se correlações rígidas entre patrimônio genético, aptidões intelectuais e inclinações morais. (SCHWARCZ, 1993, p. 62).

Em passagem magistral do romance, Maria Firmina representa a África, que era, antes de tudo, para a autora, espaço da liberdade:

Oh! A mente! Isso ninguém a pode escravizar! Nas asas do pensamento o homem remonta-se aos ardentes sertões da África, vê os areais sem fim da pátria e procura abrigar-se debaixo daquelas árvores sombrias do oásis, quando o sol requeima e o vento sopra quente e abrasador: vê a tamareira benéfica junto à fonte, que lhe amacia a garganta ressequida, vê a cabana onde nascera, e onde livre vivera! Desperta, porém em breve dessa doce ilusão, ou antes sonho em que se engolfara, e a realidade opressora lhe aparece – é escravo e escravo em terra estranha! Fogem-lhe os areais ardentes, as sombras projetadas pelas árvores, o oásis no deserto, a fonte e a tamareira- foge a tranquilidade da choupana, foge a doce ilusão de um momento, como a ilha movediça; porque a alma está encerrada nas prisões do corpo! Ela chama-o para a realidade, chorando, e o seu choro, só Deus compreende! Ela, não se pode dobrar, nem lhe pesam as cadeias da escravidão; porque é sempre livre, mas o corpo geme, e ela sofre, e chora; porque está ligada a ele na vida por laços estreitos e misteriosos. (REIS, 2004, p. 39).

Existe também, nesta passagem, o espaço da construção de uma subjetividade cativa, ou seja, aquela que não poderia ser escravizada; ao contrário do que pensavam alguns de seus contemporâneos, Maria Firmina não via os cativos como mercadorias ou coisas e marcava, em seu romance, o espaço da subjetividade dos escravos, cujo pensamento era livre. Isso faz parte do discurso de igualdade que Maria Firmina coloca entre cativos e senhores. Afinal, são todos semelhantes e seres humanos. É calcada nessa ideia que é construída a forma como Túlio recebe a alforria de Tancredo:

Tinha-lhe alforriado. O generoso mancebo assim que entrou em convalescença dera-lhe dinheiro correspondente ao seu valor como gênero, dizendo-lhe: – Recebe, meu amigo, este pequeno presente que te faço, e compra com ele a tua liberdade. Túlio obteve, pois por dinheiro aquilo que Deus lhe dera, como a todos os viventes – Era livre como o ar, como o haviam sido seus pais da África; e como se fora à sombra do seu jovem protetor, estava disposto a segui-lo por toda a parte. Agora Túlio daria todo o seu sangue para poupar ao mancebo uma dor sequer, o mais leve pesar; a sua gratidão não conhecia limites. A liberdade era tudo quanto Túlio aspirava; tinha-a – era feliz! (REIS, 2004, p. 41-42).

Desta forma, Maria Firmina tece uma crítica à forma como Túlio consegue a liberdade, obtendo por dinheiro aquilo que Deus havia dado a todos os semelhantes. Ou seja, para conseguir a liberdade, ele precisou aceitar dinheiro de Tancredo em troca de salvar a vida do mancebo, que grato lhe doa o dinheiro para que o escravo compre a alforria obtendo “[...] pois por dinheiro aquilo que Deus lhe dera, como a todos os viventes [...]” (REIS, 2004, p. 41). A escravidão, portanto, nesta construção, não faz sentido; ela é contrária à lei de Deus. Mesmo assim, Túlio se torna feliz e pagará com gratidão e até com a própria vida a alforria dada por Tancredo.

É interessante como a autora tenta convencer seus leitores sobre a legitimidade da liberdade para todos os semelhantes, a partir de um discurso religioso e humanitário e, também, como ela tenta demonstrar que os cativos não eram maus por índole e que poderiam ser gratos, generosos, bondosos, piedosos, se assim tivessem chance.

Outra forma de convencimento utilizada por Maria Firmina dos Reis será a denúncia aos maus tratamentos sofridos pelos cativos por alguns senhores impiedosos. O principal vilão do romance, o comendador Fernando P., tio de Úrsula que perseguiu sua irmã e sua sobrinha por toda vida, era terrível com seus escravos e havia sido responsável também pela morte da mãe de Túlio. Vejamos o que diz Túlio sobre isso:

– Pois bem – prosseguiu Túlio, com voz lagrimosa- minha mãe fez parte daquilo que ele comprou aos credores, e talvez fosse uma das coisas que mais o interessava. Quando ela se viu obrigada a deixar-me, recomendou-me entre soluços aos cuidados da velha Susana, aquela pobre africana, que vistes em casa de minha senhora, e que é a única escrava que lhe resta hoje! Minha mãe previa a sorte que a aguardava; abraçou-me sufocada em pranto, e saiu correndo como uma louca. Ah! Quão grande era a dor que a consumia! Porque era escrava, submeteu-se à lei, que lhe impunham, e como um cordeiro abaixou a cabeça, humilde e resignada. Bem pequeno era eu- continuou Túlio, após uma pausa entrecortada de soluços-; mas chorei um pranto bem sentido, por vê-la se partir de mim, e só comecei a consolar-me, quando mãe Susana à noite balouçando-me na rede, disse-me:- Não chores mais meu filho, basta. Tua mãe volta amanhã, e te há de trazer muito mel, e um balaio cheio de frutas. Enxuguei os olhos e dormi na doce esperança de revê-la; e à noite sonhei que a vira carregada de frutas como a boa velha me havia dito. Embalde a esperei no outro dia! Porém mãe Susana, que chorava enquanto eu cuidava dos meus brinquedos, sorria-se quando me via, e procurava fazer-me esquecer minha mãe e seus afagos. Minhas forças eram ainda débeis para compreender toda a extensão da minha desgraça; e por isso as saudades, que me ficaram pouco e pouco foram-se-me adormecendo no peito. Eu estava crescendo; mas nunca mais a havia visto; era- nos proibida qualquer entrevista. Um dia, disseram-me – Túlio, tua mãe morreu! **Ah! Senhor! Que coisa triste é a escravidão!** Quando minuciosamente me narraram – continuou ele com um acento de íntimo sofrer – todos os tormentos da sua vida, e os últimos tratamentos, que a levaram à sepultura, sem nunca mais tornar a ver seu filho, sem dizer-lhe um último adeus! Gemi de ódio, e confesso-vos que por longo tempo nutri o mais hediondo desejo de vingança. Oh! Eu queria sufocá-lo entre meus braços, queria vê-lo aniquilado a meus pés, queria... Susana, essa boa mãe, arrancou-me do coração tão funesto desejo. (REIS, 2004, p. 168-169, grifos nosso).

Assim, Maria Firmina nos conta a triste história da mãe de Túlio que, apartada de seu filho por força da escravidão e por causa de um senhor malévolo, acaba morrendo vítima dos maus tratamentos. Que coisa triste é a escravidão afinal!

Mesmo assim, Túlio manteve seu bom coração e, graças à outra escrava de semelhante bondade, retirou de seu íntimo o desejo de vingança. Preta Suzana, mãe de criação de Túlio, é outra personagem cativa fortíssima no romance de Firmina. Através de Preta Suzana, para qual Maria Firmina escreveu um capítulo inteiro, podemos ter uma maior visão de como a autora enxergava a escravidão. Vamos a ela.

4 A PRETA SUZANA

O nono capítulo do romance Úrsula é intitulado “A Preta Suzana” e é dedicado inteiramente a esta cativa que, como já vimos, foi responsável pela criação de Túlio.

A Preta Suzana é uma personagem fundamental para entendermos o discurso antiescravista de Maria Firmina dos Reis e como a autora se preocupou, ao longo do romance, em discutir a questão da escravidão.

Suzana funciona como uma espécie de memorialista, tratando do passado ancestral e do movimento da diáspora dos africanos para o Brasil, ao contrário de Túlio, que pensava a África como um lugar de origem dos seus ancestrais. Suzana é uma negra cativa que passou pelo processo do tráfico negreiro. Por isso, sua fala no romance é eivada de saudade da mãe África e de amargura ao lembrar-se do processo violento que a trouxe ao Brasil.

Antes de adentrarmos neste discurso, vamos às devidas apresentações, como aparece Preta Suzana no romance:

Trajava uma saia de grosseiro tecido de algodão preto, cuja orla chegava-lhe ao meio das pernas magras, e descarnadas como todo o seu corpo: na cabeça tinha cingido um lenço encarnado e amarelo, que mal lhe ocultava as alvíssimas cãs. (REIS, 2004, p. 112).

Uma negra já de idade avançada, é escrava de Luísa B., mãe de Úrsula. Magra, descarnada. Mesmo sendo escrava de uma senhora considera bondosa, Preta Suzana traz no corpo definhado as marcas dos grandes sofrimentos que viveu por causa da escravidão. Traz também em si a memória de uma África ausente, onde ela vivia em liberdade. Em passagem importantíssima no romance, Suzana fala de sua pátria/mátria África:

– Sim, para que estas lágrimas?!... Dizes bem! Elas são inúteis, meu Deus; mas é um tributo de saudade, que não posso deixar de render a tudo quanto me foi caro! Liberdade! Liberdade... Ah! Eu a gozei na minha mocidade! – Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo se respira amor, eu corria às descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. (REIS, 2004, p. 115).

Claro que estamos falando, mais uma vez, de uma África idealizada. Maria Firmina dos Reis jamais esteve no continente africano. Passou quase toda a sua vida, desde os cinco anos de idade, na vila de Guimarães, próxima a São Luís. O contato que deve ter tido com os cativos talvez tenha se dado na casa dos parentes na localidade. O que importa é que, ao criar a personagem Preta Suzana, Firmina tentou sensibilizar seus possíveis leitores e leitoras para a causa antiescravista. Ao colocar Suzana para rememorar a África e sua liberdade, ela fala da possibilidade de que estes cativos nasceram livres e que, portanto, a escravidão não era um atributo natural.

Continuando esse raciocínio, Suzana relata como foi sua apreensão na África, a maneira como foi apartada de sua filha e esposo por mercadores:

Ainda não tinha vencido cem braças de caminho, quando um assobio, que repercutiu nas matas, me veio orientar acerca do perigo iminente, que aí me aguardava. E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira- era uma escrava! Foi embalde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: **os bárbaros** sorriam-se das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível... A sorte me reservava ainda longos combates. Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava- pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! Meu Deus! O que se passou no fundo de minha alma, só vós o pudeste avaliar! [...]. (REIS, 2004, p.116-117, grifo nosso).

Importante perceber a inversão que Maria Firmina dos Reis faz da ideia de civilização e barbárie corrente no seu tempo. Para ela, bárbaros eram aqueles que capturaram Suzana, e não os negros

africanos, como era um discurso corrente na época, no qual, a raça negra era considerada bárbara e inferior, por isso era legítimo escravizá-la, justificando-se pela tentativa de orientá-la, de civilizá-la. (SCHWARCZ, 1993). Para Firmina, como está posto na passagem, a barbárie, ao contrário, estava naqueles que escravizavam e transformavam seus semelhantes em cativos, vítimas de toda a violência que a escravidão poderia proporcionar.

É na rememoração dessa violência que Suzana vai centrar sua fala sobre como foi seu traslado para o Brasil:

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes de nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Dava-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer do nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura, asfixiados e famintos! (REIS, 2004, p. 117).

Ao demonstrar a violência que Suzana e seus companheiros de infortúnio sofreram ao terem sido trazidos à força para o Brasil, Maria Firmina pretendia, portanto, sensibilizar seus leitores e leitoras para a violência que era a escravidão. É bom lembrar também que essa passagem foi construída antes do famoso poema “Navio Negreiro”, de Castro Alves, de 1869. Logo, a “tragédia no mar” de Maria Firmina dos Reis tenta sensibilizar seus possíveis leitores sobre a escravidão nove anos antes do poema de Castro Alves ter sido escrito.

Essa passagem também é bastante rica, pois representa a forma como se pensava a travessia nos navios negreiros, pelo menos no olhar de Maria Firmina dos Reis. Seu livro foi publicado em 1859, ou seja, nove anos após a abolição do tráfico com a lei Eusébio de Queiroz em 1850. Como Suzana é construída como uma personagem memorialista, na verdade ela retrata o processo violento de travessia para o Brasil do qual ela fora vítima, e isso funciona como um engajamento por parte da autora do romance que, a partir de seu texto, também tenta contribuir com a questão antiescravista.

A tragédia da preta Suzana não termina aí. Chegando às praias brasileiras, Suzana foi vendida para o comendador P..., um senhor de escravos bastante cruel:

O comendador P... foi o senhor que me escolheu. Coração de tigre é o seu! Gelei de horror ao aspecto de meus irmãos... os tratos, por que passaram, doeram-me até o fundo do coração! O comendador P... derramava sem se horrorizar o sangue dos desgraçados negros por uma leve negligência, por uma obrigação mais tibiamente cumprida, por falta de inteligência! E eu sofri com resignação todos os tratos que se dava a meus irmãos, e tão rigorosos como os que eles sentiam. E eu também sofri, como eles, e muitas vezes com a mais cruel injustiça. (REIS, 2004, p. 118).

Ao abordar essa temática, Maria Firmina, mais uma vez, reafirma os horrores da escravidão, a crueldade de alguns senhores, tigres e verdugos (LARA, 1988). Mas também toca em pontos importantes como a questão da solidariedade entre os cativos. Para Preta Suzana, os outros cativos eram companheiros de infortúnio, eram irmãos, filhos da mesma pátria/mátria que era a África. Podemos considerar que esse sentimento de coletividade foi percebido por Maria Firmina dos Reis, inclusive

para aprofundar sua tese de irmandade e semelhança entre todos, por isso a escravidão, baseada na desigualdade entre semelhantes, não deveria se sustentar.

Suzana ainda fora testemunha e vítima de outros horrores quando passou para o domínio de Paulo B..., esposo de Luísa B. e pai de Úrsula:

E ela chorava, porque doía-lhe na alma a dureza de seu esposo para com os míseros escravos, mas ele via-os expirar debaixo dos açoites os mais cruéis, das torturas do anjinho, do cepo e outros instrumentos de sua malvadeza, ou então nas prisões onde os sepultava vivos, onde, carregados de ferros, como malévolos assassinos acabavam a existência, amaldiçoando a escravidão; e quantas vezes aos mesmos céus! [...]. (REIS, 2004, p. 118).

Ao relatar os instrumentos de tortura utilizados pelo personagem Paulo B. para violentar seus escravos, Maria Firmina dos Reis está também denunciando a vilania da escravidão. O castigo como anjinho, ou seja, um instrumento de suplício que comprimia os polegares dos cativos e o cepo, um tronco grosso de madeira que o escravo trazia preso a cabeça, amarrado aos tornozelos por uma argola⁸ e, por fim, as prisões onde muitos morriam de fome, de horror. Ao denunciar tamanha violência na rememoração da preta Suzana, Maria Firmina denuncia novamente a escravidão.

No entanto, mesmo depois de sofrer tanto as agruras da escravidão, a preta Suzana termina seus dias com dignidade e resignação. Ao não entregar o paradeiro de Úrsula para seu malvado tio, Fernando, a preta é levada por ele para ser presa, interrogada e posta em ferros. Acaba morrendo dignamente, ao se negar a ajudar Fernando P. a encontrar Úrsula e desposá-la antes de Tancredo.

Os escravos firminianos, mesmo sendo vítimas de várias vilanias, mantinham seu caráter inalterado e eram gratos com aqueles que se mostravam bondosos e generosos com eles. Eram resignados, mas, como já dissemos, nunca algozes. Resignação essa que não significava que eles esqueceram o mal que lhes foi feito e, ao narrarem, rememorarem, denunciavam a escravidão e revoltavam-se com a “mente que não podia ser escravizada”.

O último personagem cativo da narrativa de relativa importância, porque aparece com nome e tem alguma atuação no drama, é o escravo velho Antero, do qual nos ocuparemos agora.

5 O ESCRAVO VELHO ANTERO

Antero aparece na narrativa de Maria Firmina como um escravo velho da fazenda de Fernando P., o vilão da história. Aparece como uma espécie de guarda para Túlio, que é aprisionado pelos homens de Fernando para impedir que ajude Tancredo a encontrar e casar-se com Úrsula. É desta forma que Antero aparece no livro: “Antero era um escravo velho, que guardava a casa, e cujo maior defeito era a afeição que tinha a todas as bebidas alcoolizadas.” (REIS, 2004, p. 205).

O velho escravo é apresentado como alguém dado ao hábito da embriaguez. Esse estratagema vai ser usado por Maria Firmina para explicar duas coisas: primeiro, como Túlio conseguirá fugir da fazenda de Fernando P..., e, segundo, para falar mais uma vez dos tempos da mãe África, de que Antero se recordará quando Túlio o advertir sobre o mau hábito de beber.

8 Informações obtidas no blog de Ariane Alves: <<http://historianoutraface.blogspot.com.br/2010/08/o-traffic-negroiro-representou-uma.html>>. Acesso em: 29 jan. 2013.

Antero também se solidariza com Túlio, tem pena dele, acaba criando, mais uma vez, um laço de identidade entre os cativos: “– Coitado! – dizia ele lá consigo – sua pobre mãe acabou sob os tratos de meu senhor!... e ele, sabe Deus que sorte o aguarda! Pobre Túlio!”. (REIS, 2004, p. 206).

Essa construção de solidariedade e identidade vai se dar também por parte de Túlio que, mesmo embriagando Antero para poder fugir, preocupa-se com ele, na medida em que cria uma forma para que Fernando P. pense que o escravo lutou com ele para não deixá-lo fugir, em vez de ser apenas ludibriado por conta da bebida:

O negro previra a explosão de cólera do comendador, quando de volta de sua traidora emboscada, e reclamando o preso, só encontrasse Antero embriagado, a prisão aberta, e a sua vítima fora do alcance da sua ira. Naturalmente o comendador vendo Antero preso no tronco, acreditaria que se dera uma luta entre ele e o prisioneiro, e que aquele velho e sem forças, fora subjugado e preso, e que assim tolhido e sem socorro algum, vira-lhe a fuga, sem poder sequer opor-lhe a menor resistência. Túlio não se enganou- o seu estratagema salvou o velho escravo. (REIS, 2004, p. 210).

No entanto, a parte fulcral da construção de Antero na narrativa é quando ele rememora a África e a forma de beber de seu tempo, quando livre:

– Pois bem, – continuou o velho – no meu tempo bebia muitas vezes, embriagava-me, e ninguém me lançava isso em rosto; porque para sustentar meu vício não me faltavam meios. Trabalhava, e trabalhava muito, o dinheiro era meu, não o esmolei. Entendes?(...) – Pois ouça-me, senhor conselheiro: na minha terra há um dia em cada semana, que se dedica à festa do fetiche, e nesse dia, como não se trabalha, a gente diverte-se, brinca, e bebe. Oh! Lá então é vinho de palmeira mil vezes melhor que cachaça, e ainda que tiquira. (REIS, 2004, p. 208).

Firmina demonstra assim que aquilo que, no Brasil, era vício e degradação, na mãe África fazia parte de um ritual de fetiche, quando os africanos se entregavam às bebidas para se divertir, brincar e adorar seus deuses.

Ao contrário do que estava colocado para o período e que depois se tornou tema de ampla discussão pelas elites e intelectuais brasileiros: sobre a capacidade ou não do ex-escravo de exercer atividade remunerada, Maria Firmina antecipa sua resposta quando fala da possibilidade do trabalho em África, já que o velho Antero trabalhara quando livre e através do seu dinheiro, e não de uma dependência cruel e paternalista como escravo no Brasil, adquiria dinheiro para beber.

Não sabemos de onde Maria Firmina dos Reis retira essas informações, provavelmente deve ter lido em textos literários ou relatos de viajantes. Provavelmente, a leitura que tinha sobre a África eram as histórias de aventuras no Oriente.⁹

Encontramos também, em seu texto, alguma semelhança com o mais famoso romance antiescravista do século XIX: *A Cabana do Pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe, escritora estadunidense, embora seja muito pouco provável que Maria Firmina dos Reis tenha lido esse romance, que saiu entre os anos de 1851 e 1852 em formato de folhetim no jornal *National Era* e depois, em março de 1852, publicado como livro. De qualquer forma, a importância da religião e da resignação dos cativos nos dois romances, tanto em *Úrsula*, quanto em *A Cabana do Pai Tomás*, é muito forte. Talvez

9 Essa possibilidade foi apontada por Alberto da Costa e Silva em relação a Castro Alves, talvez o mesmo tenha se dado com Maria Firmina dos Reis. São hipóteses. Cf. SILVA, Alberto da Costa, 2012.

influência da atmosfera cultural do século XIX no Ocidente, no qual a religião era fundamental: em Úrsula, tem-se a religião católica, já em *A Cabana do Pai Tomás*, o protestantismo.

Talvez seja mais provável que essa construção da África de Maria Firmina dos Reis se devesse à leitura, como coloca Alberto da Costa e Silva, estudando Castro Alves, a uma África de Delacroix e de Victor Hugo, do orientalismo, da literatura romântica e do imperialismo francês, embora, para Alberto da Costa e Silva¹⁰, essa África de Castro Alves estivesse mais ligada ao deserto do Saara do que à África descrita por Maria Firmina dos Reis como lugar de colheitas, praias, conchinhas e fetiches.

Talvez Maria Firmina dos Reis tenha conversado com algum escravo velho africano e tirado essas informações para, a partir daí, recriar essa África idealizada no seu romance.

O que realmente nos importa é que ela soube utilizar essas imagens para sensibilizar seu público leitor e, a partir disso, tentar criar uma sensibilidade antiescravista.

Com Túlio, Preta Suzana e Antero, Maria Firmina dos Reis cria uma tríade que é muito bem utilizada para debater e denunciar a escravidão. Claro que dentro dos limites possíveis e considerados toleráveis. Não existe, no romance, nenhuma ideia de revolução escrava ou de fim imediato e sem indenização da escravidão, até porque esta discussão abolicionista ainda não está colocada para os contemporâneos de Maria Firmina dos Reis. Mas existe, sim, muita ousadia da escritora ao criar esse romance, visto que, comparado com outros também considerados antiescravistas, tais como *Vítimas-algozes* (1869), de Joaquim de Manuel de Macêdo¹¹; *A Escrava Isaura* (1875), de Bernardo de Guimarães; as peças teatrais de José de Alencar, *Mãe* (1860) e *Demônio familiar* (1857), o romance Úrsula dá outros tons para o discurso antiescravista, principalmente porque a autora optou pela ideia de rememoração dos personagens cativos, construindo assim outra África como espaço de liberdade. No romance e também em outros momentos, Maria Firmina fala da violência física sofrida pelos cativos. (LARA, 1988) Algumas dessas violências já foram aqui demonstradas, mas existe um parágrafo importante que demarca mais uma vez o tom de denúncia da autora:

Na casa do trabalho, muito mais frouxa lobrigava-se ainda a escassa luz de um lampião: os negros tinham recebido novas tarefas, empenhavam-se por acabá-las. Desgraçados! Não eram eles que trabalhavam por acabá-las- era o novo feitor, que com o azorrague em punho ao som dos estalos os despertava. E já nem uma lágrima lhes vinha aos olhos, nem um queixume aos lábios – eram mudos; estorciam-se com a dor da chibatada, abriam os olhos, moviam-se maquinalmente para continuarem o serviço, e logo recaíam naquela penosa prostração, que revela a extrema fadiga de um corpo, que descai já para o túmulo, cansado de lutar em vão contra mil privações que o desgastaram e aniquilaram. (REIS, 2004, p. 188).

Levados à exaustão e até à morte pela vilania de um senhor verdugo, os escravos firminianos despertavam, nos leitores, a piedade e a compaixão, pelo menos é isso que nos parece ser a intenção da autora ao expor os castigos que lhes eram infligidos e as duras horas de trabalho nas quais se desgastavam. Maria Firmina tentava, dessa forma, expor os horrores da escravidão e assim despertar alguma consciência nos possíveis leitores.

Os escravos firminianos não são apenas vítimas e tampouco são algozes. Não são apenas vítimas porque circulam, têm consciência da condição que lhes é imposta, maldizem a escravidão, revoltam-

10 SILVA, Alberto da Costa e. Imagens da África. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/leituras/imagens-da-africa>>. Acesso em: 31 jan. 2013.

11 MACEDO, Joaquim Manoel de. Op. cit.

se num plano subjetivo, como já dissemos, “mentes não escravizadas”. O discurso antiescravista de Maria Firmina dos Reis vê os escravos numa outra condição, que é aquela da consciência daquilo que os oprime. São resignados, são gratos aos bons senhores, foram trabalhadores na mãe África. Mas não são seres inertes, coisas ou mercadorias, têm sonhos e vontades próprias e discursam contra o cativo.

Os senhores não aparecem, em *Úrsula*, apenas como malfeitores ou benfeitores. Tancredo, rico, branco, alforria Túlio. Mas os outros senhores serão todos malvados, Paulo B., Fernando P... A bondade senhorial, além de Tancredo, aparece apenas nas mulheres, Luísa B., mãe de *Úrsula*, em *Úrsula*, na mãe de Tancredo e em alguns personagens menores, como um feitor que se nega a dobrar a jornada de trabalho dos negros da fazenda de Fernando P. e é por isso demitido, por não conseguir mais conviver com tanta maldade:

Fartai-vos de atrocidades, já que sois um monstro, – retrucou fora de si o feitor, fixando-o com um olhar de desprezo, que ele suportou – banhai-vos no sangue dos vossos semelhantes, juntai crimes horrendos a crimes imperdoáveis; não conteis mais doravante comigo para instrumento dessas ações, que revoltam ainda a um coração viciado, e que só no vosso pode achar morada. (REIS, 2004, p. 186).

Mesmo o coração de um feitor já “viciado” conseguia sentir compaixão pelos cativos, em relação às maldades praticadas por Fernando P.; dessa forma, Maria Firmina reafirma que, ao saber e ver tanta crueldade, seria possível se compadecer dos cativos e perceber que a escravidão de outro semelhante era um erro, era anticristão.

Com essa narrativa pautada num discurso religioso e católico, Maria Firmina construiu *Úrsula* como um romance antiescravista. E, como já dissemos, ela lutou com sua pena pelo fim da escravidão, ou, pelo menos, pela tomada de consciência da sociedade hodierna do que a escravidão representava, uma “coisa triste”, uma desigualdade injusta entre semelhantes, todos filhos de Deus.

O tom religioso e católico do romance *Úrsula* é tão grande que, ao fim e ao cabo, o maior vilão da narrativa morre como frei, interna-se num convento, tentando expiar todos os seus pecados: assassino do pai de *Úrsula*, assassino de Tancredo e responsável pela loucura e morte de *Úrsula*. No entanto, encontra salvação ao se arrepender, antes de morrer, pelos males praticados. Enfim, até os escravocratas têm salvação, se assim se arrependerem e perceberem a hediondez que é a escravidão.

Maria Firmina continua sua empreitada na escrita antiescravista e, em 1887, publica um conto chamado *A Escrava* com tons mais arrojados e menos religiosos. Mas isso já é assunto para outro momento.

Maria Firmina dos reis and her slavery writing

ABSTRACT

This article discusses the novel *Ursula*, of Maranhão Maria Firmina dos Reis, and seeks to understand how the writer constructed an anti - slavery discourse in her text, using a romantic, humanistic and Christian argument capable of drawing attention to her possible readers about the Indignity and injustice that was the slave regime, at least in his point of view. We also sought to understand the image of Africa that Maria Firmina dos Reis built: an Africa idealized as the place of true freedom in opposition to slave Brazil.

Keywords: Maria Firmina. *Úrsula*. Slavery. Africa.

REFERENCIAS

CHARTIER, Roger. **A história Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990, p. 59.

LARA, Sílvia Hunold. **Campos da violência**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

MORAIS FILHO, Nascimento de. **Maria Firmina dos Reis: Fragmentos de uma vida**. São Luís: COCSN, 1975.

QUINTANA, Mário. **Prosa & Verso**. 6 ed. São Paulo: Globo, 1989.

REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.

SAFFIOTI, Heleirith Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.

SANT-BERNAIRD, Pierre. **Paulo e Virgínia**. São Paulo: Icone Editora, 1986.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sócias e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Alberto da Costa e. **Castro Alves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BIOGRAFIA

Régia Agostinho da Silva

Doutora em História na Universidade de São Paulo. (2013). Possui mestrado em História pela Universidade Federal do Ceará (2002). Atualmente é professora da Universidade Federal do Maranhão, no Departamento de História. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil Império, atuando principalmente nos seguintes temas: história e literatura, história das mulheres e história e escravidão.